

SE houvesse alguém nesta cidade que afirmasse ter como certa a vitória dos grupos representativos do distrito do Pôrto no campeonato nacional da 1.ª divisão, isso seria motivo para, pelo menos, provocar um ar de espanto a quem o escutasse ou, vá lá, um olhar de admiração.

É que o caso apresentava-se sobre tintas escuras, tão pardacidas como estas tardes que têm feito ultimamente.

Por muito grande que fosse a dose de optimismo, a verdade é que a saída do F. C. Pôrto desenhava-se sobre um grande ponto de interrogação, que, mesmo assim, representava favoritismo. Que o grupo estando de boa conta de si e que os resultados animam, muito embora sem expressão numérica — são factos que ninguém pode contestar, mas que não chegam para poder confiar-se em vitórias, tanto mais que o grupo que o campeão regional iria enfrentar estava possuído de forte dose moral, pelos resultados feitos com os «consagrados».

Talvez haja certa razão quando se afirma que o Vitória esperava luta fácil, posto que o F. C. Pôrto ia desfalcar.

— Mas nós, que sabemos o valor do grupo portuense, nunca pensamos que sairia do campo com os dois pontos tão preciosos.

Deve dizer-se, porém, que a equipa parece estar a atravessar um momento de boa forma, com os seus elementos a subir, embora sem aquela força positiva que dava a todos confiança plena no seu comportamento em jogos fora. Que isto não é nada, bem o sabemos; os «ossos» vão aparecer agora, nas três saídas que se avizinham. Delas, do resultado obtido, é que se poderá tecer um comentário ou prognóstico.

É preciso não esquecer que o F. C. Pôrto está em pleno período de transição, que os seus homens estão ainda a ganhar contacto com grupos de valia — a maior parte deles a lutar, pela primeira vez, contra os grupos maiores. Uma parte da crítica lisboeta apelidou Lourenço de «reservista». Ora Lourenço fez quasi todo o torneio regional como avançado centro do 1.º grupo, só tendo passado a extremo direito depois da entrada de Correia Dias, lugar onde se tem defendido. Não pode, portanto, classificar-se como «reservista» um homem nestas condições.

Anciamos por ver o grupo jogar em Lisboa para ouvir a crítica alfacinha sobre o valor de alguns dos elementos que o F. C. Pôrto apresenta, pela primeira vez, em campos da capital. Oxalá que eles deem boa conta de si...

Quanto ao «caso» Salgueiros, reveste-se de aspecto particular. Os rapazes não possuem «calor» para encontros deste jaez. Parte deles estão ainda por aclimatar. O grupo não tem ainda homogeneidade e a ligação entre os três sectores é imperfeita. E se o trio defensivo representa algum valor, o quinteto avançado e o compartimento mais irregular do grupo. Parece, porém — talvez por questão de nova orientação técnica, ou pela entrada de algum elemento estrangeiro na turma, mas jogador de recursos — que a linha da frente está a querer desenhar coisas de jeito. No sector intermédio tem um homem que joga muito. Do seu excelente trabalho resulta o lançamento do ataque para a frente; só ele representa, no eixo da linha média, a tenacidade, o esforço, o desejo de vencer. Os outros empareceram, a procurar segui-lo. Por isso, e por estas indicações, a vitória do Salgueiros, admissível pelo que lutou e pela forma como soube aproveitar-se do enfraquecimento do grupo coimbrão, não pode ser levada à conta de demonstração eficaz de poder. Não. Por enquanto, pelo menos. Aguardemos mais algum tempo, para tirar ilações.

Os desportos de inverno pertencentes à segunda camada, em matéria de interesse publico, estão chamando aos seus campos aquela numerosa assistência que tem rodeado os rectângulos ultimamente. O «basketball» anda mexido, mercê do esforço de quatro clubes.

Os grupos trabalham, os treinos prosseguem, e muito embora a matéria prima tenha sido «repartida», o certo é que esse precalço ainda não demonstrou influência no comportamento das turmas em campo.

Já aqui o dissemos, e voltamos a repetir: o

UMA REVELAÇÃO

JOÃO MÁRIO RIBEIRO campeão portuense de xadrez

conta-nos os seus triunfos e fala-nos das suas possibilidades no próximo torneio nacional

TEMPOS atrás, quando se falava de jogadores de xadrez, vinham ao pensamento as figuras de uns cavalheiros de barbas brancas, severas lunetas encarrapitadas no nariz, todos orçando pela casa dos 60 anos, concentrados de frente de tabuleiros brilhantes de verniz e deixando passar horas seguidas em profunda concentração do espirito. Jantava-se ali, junto das pedras, nos cafés de antanho, dos quais nos fala só a recordação — como o velho Chaves, na desaparecida rua de D. Pedro,



no antigo Suíço, no Internacional e em tantos outros que foram o ponto de referência dos portuenses de outrora.

Por isso, quando na companhia amiga de José Pereira de Sampaio, secretário adjunto da direcção do Académico F. C. e um «novo» que está marcando a sua personalidade na gerência do clube do Lima, e de Carlos Gibson, também dedicado amigo e sócio do grupo «alvi-negro», falámos com o campeão de xadrez do Pôrto, João Mário de Almeida Cardoso Ribeiro — ficámos a olhar aquela figura esguia nos seus 14 anos, modesta de maneiras mas com ar que

«basketball» é, na cidade do Pôrto e nos seus arrabaldes, o jogo que mais adeptos — praticantes e simpatizantes — conta depois do futebol.

O «handball» começa agora a movimentar-se, assim como o «hockey» em campo.

Aquêle, dada a sua semelhança com o futebol, conta também com larga assistência, entusiasta, que rodeia os rectângulos e segue os jogos com paixão. O «handball» germinou bem no norte — melhor na cidade do Pôrto. Pena é que a sua propaganda, feita há anos com fervor quasi religioso, se fosse extinguindo a pontos de nada se haver feito, ultimamente, para a sua expansão pelo país.

Quanto ao «hockey», continua gosando de certa popularidade; mais restrita, é certo, do que no «basketball» ou no «handball», mas mesmo assim relativamente valiosa.

O «hockey» em patins está firmado. Pode entregar-se afoitamente a lutar pela perfeição técnica, porque já lhe não faltam entusiastas.

Só o «volleyball» está ainda no período da gestação, chamemos-lhe assim. Mas a seu tempo ele conhecerá, também, a hora do triunfo.

capta simpatia. Mal acreditávamos que tínhamos diante de nós um verdadeiro prodígio no mais científico dos jogos que conhecemos.

João Mário tem já o aspecto de um homenzinho, mas quando lhe foi dado medir-se com o dr. Alekhine, campeão do mundo, tinha então a infantil idade de 12 anos — uma prometedora dúzia, como depois se verificou.

O nosso entrevistado de hoje, que principiou a conversar connosco a custo, como que concentrado da situação que atingiu no xadrez ou impressionado pela série de perguntas que disparávamos, foi depois tomando confiança, esboçou um sorriso — e as palavras passaram a s'ir fluentes, sem evasivas.

E assim nos contou ser filho do dr. Adelino Ribeiro, funcionário superior do Banco Nacional Ultramarino, e que frequentava o terceiro ano da Escola Comercial de Oliveira Martins. As ciências abstractas, confessou, provocavam-lhe certo receio... Mas entra propriamente no tema da nossa conversa:

— Tinha 11 anos quando comecei a jogar o xadrez. Lá em casa, meu pai e meus irmãos cultivavam-no. Naturalmente, quis aprender também... Explicação daqui, lição de acolá, dentro em pouco, confesso que sem custo, aprendi a técnica, ou melhor — a teoria do jogo.

«Comecei a ganhar partidas — e a ganhar gosto... Então, meu pai resolveu levar-me um dia ao Grupo de Xadrez do Pôrto, que funciona no «Palladium».

— Era o baptismo de jogador?

— Baptismo, propriamente, não... Seria, quando muito, a minha iniciação fora do ambiente da família. Daí em diante é que comecei a fazer jogos com estranhos, ganhando uns e perdendo outros — e recebendo de vez em quando uma liçãozinha, para reffer os entusiasmos próprios da minha idade...

— Mas foi marcando a sua posição, não é assim?

— Talvez... Compreende: eu era, e sou ainda muito novo... Tive felizmente a vantagem de não me envaidecer com algumas das vitórias obtidas. Questão de temperamento ou de educação...

Mudámos o rumo da conversa e aludimos à partida que disputou em Espinho com o dr. Alekhine. Recordámos que a imprensa lhe fez, nessa altura, elogiosas referências.

— Tinha cerca de 12 anos. Alinhei, anónimo, entre os 44 jogadores de xadrez que disputaram as simultâneas com o campeão do mundo. Mas não fiz grande resultado... É certo que não fui dos primeiros a «ir abaixo». Quando vi que estava perdido, desisti!

— Desistiu? — perguntámos com a surpresa própria do leigo...

— Sim. Está dentro da tática no xadrez... Quando vemos que não há mais «possibilidades» — desistimos...

Concluiu a explicação a sorrir. Quisêmos depois saber como decorreu o torneio que ditou a conquista do seu título de campeão citadino. Explica-nos:

— Bem, para mim, pelo menos. No final da primeira volta, lutando contra seis concorrentes, porque dois desistiram, tinha obtido 4 pontos. Mantive a mesma média na segunda volta, totalizando 8 pontos em 10 possíveis. Perdi um jogo e falei o outro, porque estava então em Espinho. O título pertencia-me já e não me era possível então vir ao Pôrto, pois o torneio efectuou-se no «Palladium».

— Partidas difíceis?

— Sim, algumas. Mas noutras tive a sorte

ROBERTO AMIAL

(Conclui na pág. 15)

DIAS PEREIRA

fala-nos de «basketball»

NESTA série de entrevistas-relâmpago com diferentes entidades do desporto (dirigentes, praticantes ou simples espectadores das diversas modalidades) de-puseram já individualidades afectas ao «hand-ball», «hockey», em campo, patinagem, ténis de mesa, «volleyball», «boxing» e luta greco-romana.

Cabe agora a vez ao «basketball», na pessoa de José Dias Pereira, figura de relevo no meio. Dias Pereira, nosso antigo e querido camarada de jornalismo desportivo, foi jogador categorizado e árbitro muito competente, desempenhando depois funções directivas, e é, na actualidade, presidente do conselho técnico da A. B. L. Jogou pelo Sporting, o «eu» clube de sempre, e ainda há poucos dias voltou a calçar botins e a envergá-la camisola do clube para defrontar a equipa de veteranos do Ateneu Comercial, na festa de homenagem póstuma ao malogrado António Martins. Foi director da Associação de Lisboa e da Federação de Basketball, e, junto desta, delegado pela Associação da Costa do Sol. É, por conseguinte, uma competência na especialidade, unanimemente reconhecida por quanto apreciam as suas qualidades de orientador técnico do «basketball» nacional. E estava, por isso mesmo, indicado para depôr nesta série de entrevistas curtas.

Uma simples telefonada — entre camaradas as praxes são abolidas, por inútil — e o Dias Pereira pôs-se imediatamente à nossa disposição para falar para a «Stadium». Do que ele disse, aproveitamos o que possa interessar ao leitor, elucidando-o acerca do estado actual do «basketball» português, e, especialmente, em Lisboa e arredores.

— Que penso do «basketball», na actualidade? O melhor possível, porque o contrário

Uma revelação

(Conclusão da pág. 7)

pelo meu lado... Bati-me, entre outros, com o conhecido treinador do Académico. Gencsi Dezö, e com Leonel Pias, os dois autores de um livro sobre xadrez — por sinal muito bom. — Agora, para Lisboa, em representação do...

...do Grupo de Xadrez do Porto, como sócio do Académico.

— Quem vai defrontar na capital?

— O campeão de Portugal, os mestres e o campeão de Lisboa.

— Os «mestres»? — perguntámos, como desconhecedores das coisas do xadrez.

— Designamos mestres os jogadores que tendo disputado o campeonato nacional sem conquistarem o título, obtiveram, pelo menos, 50% da pontuação.

O nosso «grande» campeão delicia-nos com uma série de judiciosos comentários, que dizem do seu valor e da enorme intuição que tem para o científico jogo. Entretanto, a conversa derivou:

— Gosta de qualquer desporto ao ar livre?

— Sim, naturalmente. Admiro o futebol mas prefiro, para praticar, a natação e a patinagem, mais com o fim da preparação física do que na intenção de disputar competições. É que os exercícios físicos, com o recreio que proporcionam, fazem descansar o cérebro... Os músculos comandam, deixando folgar a cabeça...

— Por que não organiza um grupo de xadrez no seu clube?

— Estamos já a tratar disso. Conto com a boa vontade de alguns, o gosto de outros...

— ...e com a ajuda da direcção, que não lhe negará — afirma José de Sampaio.

— Podiam fazer-se coisas interessantes — acrescentámos.

— Um torneio inter-clubes, como na capital — acode João Mário com entusiasmo.

— Estava já previsto, posso garantir-lhe. É questão... de matéria prima...

E estava tudo dito. Voltamos a falar da sua próxima viagem a Lisboa, para tomar parte, como campeão nortenho, na disputa do torneio máximo nacional.

seria estulticia, dado que a modalidade tem tomado, ultimamente, grande desenvolvimento. Mas entendendo ser necessário que todos se integrem, o mais depressa possível, na estrutura da nova organica geral do desporto, a-fim-de que se conheça progressão mais concéntrica com o desenvolvimento natural e a própria expansão da modalidade. Em Lisboa, como de resto em todo o país, o «basketball» tem publico fiel e é, pode dizer-se, um desporto feito! Os esforços levados a cabo para o impôr têm sido de sempre — e hão-de, logicamente, continuar a desenvolver-se em todos os sectores. Mas o êxito não podia ser melhor. Venceu-se, eis tudo... Agora, há que caminhar com segurança, porque a «estrada» é sinuosa e é preciso evitar os obstáculos que se nos deparam! Mas o caminho percorrido, êsse, foi seguro.

«No que respeita à orientação geral, é relativamente pena que pouco se tenha feito (ou quase nada...) este ano, ou esta época, para melhor dizer. As provas particulares são interessantes e uteis, até certo ponto, mas os campeonatos regionais constituem a base de toda a actividade, o índice do que pode valer qualquer modalidade desportiva. É preciso não esquecer que estamos no fim do ano — e que os campeonatos se arrastam, sem proveito nenhum, quero dizer, que os torneios oficiais demoram mais do que seria natural esperar-se. Questões incidentais têm prejudicado a organização: porisso falei da necessidade de todos se integrarem na nova organica geral dos desportos. Conseguido isto, está de parabéns o «basketball» — cuja actividade, a meu ver, não pode nem deve parar... Diz-se que «prair é morrer»: pois bem, entendo que é conveniente viver-se, porisso que é preferível a vida a quaisquer «paragens», sejam embora de ocasião...

«No capítulo de arbitragens, ponto primário para indicar o grau de desenvolvimento de um desporto, não estamos de todo mal. Antes pelo contrário! Os árbitros procuram cumprir fielmente a sua missão, facilitando-a por mercê de uniformidade de critérios, prática sempre aconselhável. Tem-se vi-to isso e é de esperar que as coisas não mudem de rumo... E no mais — que é, afinal, tudo — há a certeza de que o publico, os praticantes e até os dirigentes, coordenam as suas vontades no sentido de que o «basketball» marque a posição a que tem direito, dentro do campo das actividades desportivas menos favorecidas. A imprensa, mormente à da especialidade, cumpre papel importante neste sector. Eis tudo quanto posso e devo dizer acerca do estado actual do «basketball» português...

JORGE MONTEIRO

Ténis de Mesa

(Conclusão da pág. 6)

Os concorrentes foram distribuídos por duas séries. Na 1.ª estão: Sporting, S. L. Amoreiras, F. C. Monte Pedral e Internacional (B); na 2.ª: Alunos de Apolo, Internacional (A), Campo de Ourique e Benfica.

Os dois primeiros de cada série disputarão a final em «poule» a uma volta. Voltaremos a falar d'êste torneio oportunamente.

Transferências

A época de 1943-1944 apresenta-se fértil em transferências. Entre as primeiras 77 fichas entradas na A. T. M. L., podiam contar-se as seguintes mudanças:

Para «Os Combatentes» — Fernando Costa, do D. C. Arroios; Carlos Fernandes, da Concentração Musical; Julio Costa, Luis Pires, Zeferino Silvério e Gumerzindo Alfai, todos do Benfica.

Para o Sporting — Elio Baptista, do Alfama e Octavio Fragoso, do Estefania.

Para o Monte Pedral — Alexandrino Valente, do Liberdade.

Para o Apolo — Americo Esteves, do Ateneu; Rogério Cruz, de «Os Combatentes»; António Ferreira, Raúl Pereira e João Santos, todos da Conc. Musical.

Acontecimentos da semana

ATLETISMO — Junto aos terrenos que circundam o seu campo atletico, o Benfica fez disputar um «cross», na distancia de 2.100 metros, entre socios e simpatizantes. Ganhou-o Diamantino Valente, em 6 m. 45 s., seguido de Jorge Graça e Armando Tavares.

BASKETBALL — Continuam as organizações de iniciativa particular. No dia de Natal efectuaram-se jogos nas Salésias e em Alcátara. Os Benelenses ganharam a taça «Eug. Reis Gonçalves» (melhor resultado geral: 65-57) pois venceu o Carneide, em 1.ª, por 27-15, e perdeu em 2.ª por 39-42. E nas meias-finais da taça «Dr. Americo Nunes» — homenagem do Atlético ao seu antigo e devoto jogador — Maria Pia venceu Benelenses (29-27) e Unidos derrotou Atlético (56-42). Os finalistas — como se vê — triunfaram por margem pequenissima de pontos.

BOXING — A Sala Central de Desportos volta à organização de sessões populares, promovendo amanhã a primeira, no recinto coberto do Lisgás.

O campeão espanhol de peso «lévisimo» Peter Khane (Luis Fernandez) derrotou, em Paris, o francês Valentin Angelman, antigo campeão do Mundo naquela categoria.

Em Helsinquia, a equipa amadora da Suécia venceu a da Finlândia.

CICLO-TURISMO — O Futebol Benfica estreou-se na modalidade, promovendo a disputa do «craque» Natal, que retinha a inscrição de oitenta e um velocipedistas — um verdadeiro êxito de iniciativa.

Também o Benfica promoveu prova identica, com excelentes resultados. Ganharam-na Horténsia Freire (senhoras) e Francinete de Carvalho (homens), ambos do clube organizador, seguidos, respectivamente, de Palmira Duarte («Os 15») e Maria Rosa Melo (H.C.). Miguel Fonseca e Rafael Correia (H.C.). Nas três «gymkhana's», efectuadas em complemento do «craque», classificaram-se, respectivamente, em 1.ª, 2.ª e 3.ª lugares: Adelaide Hortas, Maria Manuela de Melo e Horténsia Freire (senhoras); Francinete de Carvalho, Joaquim Costa e Silva e António Correia (homens); André Correia, Miguel Correia e Armando Diogo (rapazes).

FUTIBOL — A segunda jornada do campeonato nacional corporativo — uma competição que está a ter interesse — forneceu os resultados seguintes: Of. Material de Engenharia-Emp. Geral de Transportes, 11-1; Moagens de Rama-Armazéns do Chado, 5-0; Fáb. Galvoas-Est. Herold, 7-3; Fáb. Prog. Mecânica-E. N. A., 2-0; F. L. Sacavém-Emp. Nac. de Publicidade («Diário de Notícias»), 3-0; Fáb. Portugal-Com. Reg. Arroz, 1-0; A. P. L.-Pap. Fernandes, 3-1.

Em S. Vicente disputou-se um encontro entre dois «teams» representativos das secções da casa António Ferreira Pinto, Ld.ª. O jogo, presenciado por bastante assistência, concluiu pelo «score» de 6-4 a favor do Armazém. Em seguida ao desafio cerca de duzentas pessoas reuniram-se num alimpo círculo e latino, em ambiente da maior camaradagem.

HANDBALL — Na segunda jornada do Torneio de Abertura, meias-finais da competição principal e da prova entre vencidos das eliminatórias, os resultados foram: Benelenses-Unidos, 2-1; Estoril Praia-Treze, 5-1; Marvilense-Clif, 4-0; Sporting-Benfica, 3-2.

O Vilanovense venceu a Vigorosa ficando apurados finalistas do torneio que o primeiro organizou, por terem derrotado, respectivamente, o F. C. Porto (7-4) e o Desportivo de Portugal (8-4).

HOCKEY EM CAMPO — Enquanto a Associação de Lisboa continua a «cossegar», prossegue com entusiasmo crescente o campeonato do Porto. Na última jornada registaram-se os resultados seguintes: Ramalense-F. C. Porto, 1-0; Académico-Gaia, 1-0; Leixões-Académica de Espinho, 3-0; Estrela e Vigorosa-Sport, 4-1; Boavista-L'Air Liquide, 1-0.

NATAÇÃO — Amanhã efectuam-se, na piscina de água aquecida do Estoril, as ultimas provas do Torneio de Inverno — uma competição que despertou justificado êxito.

TÉNIS DE MESA — No torneio para a taça «Aniversários» (organização da S. F. Alunos de Apolo) estão apurados finalistas: Benfica, Maria Pia e Sporting. A taça por votos foi ganha por «Os Combatentes».

TIRO AO ALVO — Com uma sessão solene, presidida pelo Chefe do Estado e celebrada na sala Portugal, da Sociedade de Geografia de Lisboa, a S. T. a (antigo Grupo Pátria) encerrou o ciclo de comemorações do seu Jubileu de Ouro, promovendo a distribuição dos valiosos prémios que pôs em disputa nas provas organizadas por aquele motivo. O sr. general Carmona entregou aos srs. dr. Ayala Botto, coronel Feliciano de Azevedo, Lagrange e Silva e António Monteiro as insignias da Ordem de Cristo, com que os distinguia altamente.

TIRO A CHUMBO — Eduardo Jorge ganhou o campeonato de Portugal de tiro aos pombos, um desporto muito em voga.

O VALOR DOS JORNAIS PEQUENOS

(Conclusão da pág. 2)

valores. Começa-se em geral pelas coisas mais modestas. Pelos pequenos jornais de desporto passaram quasi todos os elementos de realce na imprensa da especialidade. E é assim em toda a parte.

Registando, com satisfação, a homenagem prestada, em Viana do Castelo, a um semanário e a um jornalista da provincia — a um jornalista que subiu de aprendiz de tipógrafo a director do jornal — saúdamos, no mesmo amplexo afectuoso, tudo aquilo e todos os elementos que, sendo modestos, desempenham qualquer função de manifesta utilidade — para o meio em que se situam, para o país a que pertencem e para toda a humanidade.